



ANIMA NOVA

REVISTA DE
RESSURGIMENTO
NACIONAL

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INSTINTO DE VOMENTAR E DE SERVIR TODAS AS MEDIAS QUE CONTRIBUAM PARA O ENALTECIMENTO PÁTRIO, A ARTE E AS LETRAS. QUAISQUER AUXÍLIOS, COM AS RECEITAS DAS ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS, EXCLUSIVAMENTE, À SUA MELHORIA : : : : E EXPANSÃO : : : :



DIRECTOR E EDITOR
MATEUS MORENO
Direção: Calçada João de Rio, A-1.
LISBOA

Assin.: Anu (12 n.ºs) 1900; Colúmbias, 1200
Estrangiero, 1900 (25 frs.)

REDACTORES EFFECTIVOS

DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUIS D'OLIVEIRA GUMARAES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora
«RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e Impressão — Tipografia Minerva
VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

PALAVRAS DE FÉ

Proferidas na sessão solene do Orfeão Académico de Lisboa, na noite de 22 do mês findo, pelo seu presidente e nosso redactor Dr. Gomes dos Santos.

Sr. Presidente da República,
Sr. Presidente do Ministério,
Minhas senhoras, meus senhores:

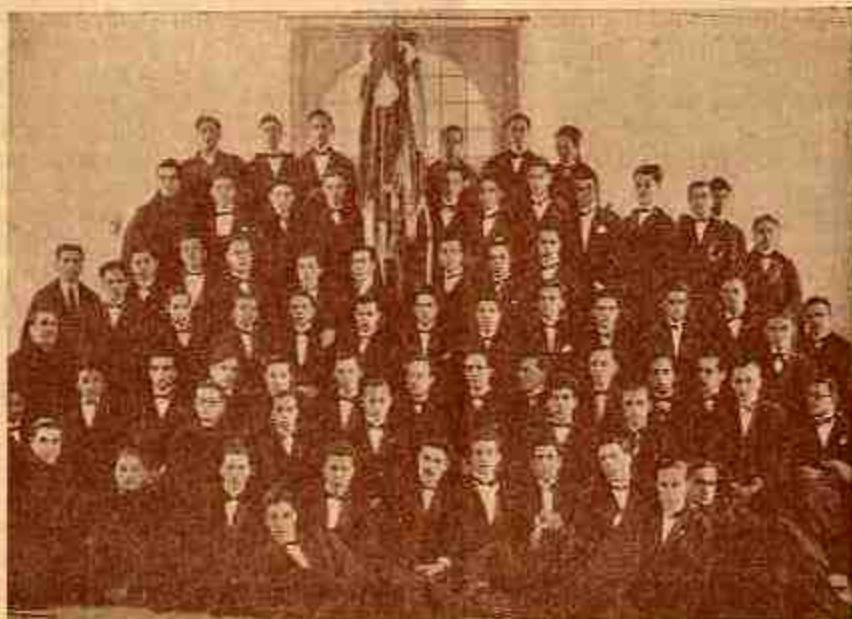
NÃO há idade tão feliz e abençoada como a juventude, em que perante os nossos olhos se desenrola um panorama de beleza surpreendente, aos nossos ouvidos chegam os acordes de músicas celestes e os nossos corações são impulsionados pelos ideais e sentimentos mais altruístas! É essa, verdadeiramente, a primavera da vida, e a alvorada do amor. Em nossa volta forma-se um ambiente de simpatia, de carinho, de poético deslumbramento!

Todos experimentam o salutar influxo da mocidade; mas, ninguém como os estudantes, esses eternos sonhadores, que trazem nos lábios um sorriso, e no coração uma esperança! Queridas ilusões, abençoados sonhos da juventude, em que a nossa alma se deixa inebriar de poesia, devaneio, espiritualidade!

É se a mocidade é, por excelência, a primavera da vida, nada mais a propósito do que a apresentação solene do O. A. de L., precisamente no início da primavera deste ano.

E nada tão auspicioso para o desempenho da nossa escabrosa missão como a honrosíssima presença do venerando Chefe do Estado, a quem os estudantes da Universidade e das Escolas Superiores, que se

congregam no O. A. de L., apresentam as homenagens de todo o seu respeito e da mais profunda gratidão. Dignando-se assistir a este sarau S. Ex.^a interpreta os nobres sentimentos dos estudantes, adivinhando que êles são impulsionados pelo amor da Pátria não movido do prêmio vil, mas alto e quasi eterno! Igualmente desejamos manifestar o nosso indelével reconhecimento ao Sr. Presidente do Ministério, ao Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, ao Sr. Comissário Geral da Exposição Portuguesa em Sevilha, aos exímios artistas que tão gentilmente se prestaram a colaborar neste sarau, e a V. Ex.^{as}, minhas senhoras e meus senhores, por se dignarem com a sua comparecência, dar todo o relevo, brilho e solenidade à festa que os estudantes orfeonistas dedicam à cidade de Lisboa, tão dignamente representada em V. Ex.^{as}. Esta homenagem que o Orfeão deseja prestar à cidade de Lisboa, baseia se, entre outros motivos, no facto de ter o Orfeão, em vésperas da partida para o Brasil, recebido da Câmara Municipal de Lisboa a prova máxima de gentileza e deferência, que foi a oferta do nosso precioso estandarte, em sinal de reconhecimento pelo concurso que desinteressadamente prestamos nas festas comemorativas do Centenário de Camões. Seguidamente, nas inolvidáveis excursões que realizamos ao Algarve, Alentejo e à Espanha, ao



O Orfeão Académico de Lisboa, da regência do Maestro Hermínio do Nascimento, com a sua bandeira, cêrta da Câmara Municipal.

Norte do País e às Beiras, e na maravilhosa peregrinação através o Brasil, como este ano na excursão que realizaremos a Santarém, Covilhã, Guarda e Castelo Branco, na excursão a Coimbra, a convite do respectivo Orfeão Académico, e na grande excursão projectada aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, tem sido e continuará sendo prestigiado o nosso estandarte, e coroado de trofeus gloriosos que a Academia Superior da capital saberá religiosamente conservar e fazer multiplicar. Já não é possível destruir nem tão pouco interromper a série de vitórias iniciada, porque no espirito dos fundadores e de todos os estudantes que vão tendo a ventura de se fazerem orfeonistas vai-se desenvolvendo o amor pelo ideal orfeónico e o conhecimento das múltiplas vantagens que, sob o aspecto artístico, educativo e patriótico, só os orfeons conseguem proporcionar.

O O. A. de L. é, sem dúvida, a obra mais bela e mais louvável que os estudantes das Escolas Superiores podiam realizar, com o fim de se estabelecerem laços de solidariedade académica. Dissipando ódios e rivalidades, porventura injustificáveis, o Orfeão aproxima os estudantes das diversas Escolas da capital que normalmente vivem afastados, não apenas pela distância dos edifícios escolares, mas, até, dentro de cada Escola, pela divergência das aspirações.

Mas, além da sua finalidade artística e de solidariedade académica, o Orfeão inscreveu no seu programa a realização duma vasta obra de propaganda nacional, indo por todo o país e pelo estrangeiro celebrar os feitos da nossa história, as virtudes do nosso povo, as belezas e os encantos desta admirável Pátria de Nun'Alvares e de Camões.

Para melhor amarmos a nossa Pátria, precisamos de a conhecer, não apenas através dos livros e das lições dos mestres, mas, também, pela contemplação dos monumentos que atestam a fulgurância da nossa glória passada e pelo estudo «in loco» dos recursos que possuímos e, ainda, pelo convívio fraternal com o povo trabalhador e honesto, dos nossos campos, das nossas fábricas, do nosso comércio, enfim, pelo contacto directo com todos os progressos, maravilhas, possibilidades e riquezas da nossa linda e fecunda província, tão ignorada, e em geral, tão mal compreendida. Este objectivo, simultaneamente instrutivo e patriótico, tem sido realizado, eficazmente, através de excursões orfeónicas que, por outro lado, são de consequências extremamente salutares debaixo do ponto de vista social, dadas as relações de simpatia e amizade que se estabelecem entre as pessoas das terras visitadas e os estudantes de cursos superiores, muitos dos quais serão mais tarde chamados às altas funções da vida pública. E através dessas pere-

grinações da mocidade académica, a beleza e o perfume das flores que gentilíssimas damas desfolham à nossa passagem, as entusiásticas palavras de saudação, todas as deferências e atenções das entidades oficiais e o aplauso carinhoso do nosso povo, tudo se harmonisa, prodigiosamente, com o entusiasmo e a fé dos estudantes. Dessa mesma fé, que alumiou os nossos Heróis na escalada para a Epopeia da Raça, ilumina-se, como por encanto, este ambiente de carinho e harmonia, fazendo-nos esquecer malquerenças, animosidades ou preconceitos, e, muito ao contrário, estimulando os atributos e sentimentos generosos que constituem o substractum da alma portuguesa!

A Epopeia continua! É a máxima expansão da nossa alma, ascendendo na esfera divina da perfeição! Maravilhosa força que nos arrebatava para os mais nobres ideais, numa ansia vertiginosa de caminhar, de vencer! A fé inabalável, a indomita coragem, as esperanças mais queridas, as mais subtis idealizações que nos engrinaldam a imaginação ardente, o devaneio, as fantasias exaltadas, todas as nobres aspirações e os triunfos até hoje obtidos, tudo comparece nesta hora solene para os estudantes orfeonistas, num cortejo imenso de beijos e abraços, de bênçãos e afectos — que são as flores da graça, da simpatia, do acolhimento, por V. Ex.^{as} tão carinhosamente desfolhadas em nossa honra!

São, portanto, V. Ex.^{as} que nos proporcionam o maior estímulo para prosseguirmos neste apostolado hereditário. Faz bem ao nosso entusiasmo juvenil constatar que as iniciativas de perfectibilidade não passam indiferentes, aos portugueses, apesar da forte descrença que ameaça invadir todos os espiritos.

No seio das pátrias, como na alma dos indivíduos, existem prodigiosas energias latentes, que é necessário fazer despertar e canalizar para um objectivo superior. É essa a função da mocidade estudiosa que, em plena quadra primaveril conssegue, melhor do que ninguém, imprimir carácter, brilho e relêvo às mais grandiosas concepções. A mocidade portuguesa se destinam as maiores esperanças no futuro da Pátria na sua redempção, essas encantadoras esperanças que já preluzem, à semelhança dos tímidos fulgores da Aurora que nestas perfumadas manhãs de primavera anunciam a tão deslumbrante quanto fascinadora scintilação do sol!

É por isso, que em lugar de deixarmos atrofiar o nosso entusiasmo juvenil numa atmosfera impregnada de scepticismo e desalento ou em vez de malbaratarmos as preciosas energias da juventude em animosidades ou discórdias, procuramos antes realizar uma obra de beleza e de perfectibilidade.

(Continua).



DR. M. GOMES DOS SANTOS
Presidente da Direcção do Orfeão Académico de Lisboa.

À MARGEM
:: DOS ::
: FACTOS :

CRÓNICA

: Por Mateus Moreno :



O Ressurgimento Nacional e as novas gerações

SOBRE este assunto, que define, aliás, todo o programa da *Alma Nova*, extratamos, com a devida vénia, duma carta há muito recebida, as seguintes e oportunas considerações, que teem sobretudo a valorizá-las o serem expandidas por uma das mais categorizadas figuras do nosso meio intelectual:

«... Sr. Moreno e meu camarada.—Recebi há poucos dias o seu livro *Sangue de Epopeia*, que teve a gentileza de me oferecer. Tinha-o lido, com agrado, não há muito, e dele conservo uma viva impressão. É um interessante documento, sincero e alevantado, dessa odisseia da Grande Guerra, cheia, como todas as odisseias humanas, de esplêndidos clarões de grandeza e heroísmo e de pequeninas misérias.

Depois do seu livro veio a carta atenciosa de V.... Pena é que não seja possível por escrito (o que seria longo) versarmos esse importantíssimo problema do *valor real dos sermões falados ou escritos para a formação moral — a formação do carácter*.

Não é por espirito de controvérsia que o faria — sou intimamente o que há de mais contrário à discussão pela discussão; mas porque julgo que qualquer esperança de *salvação nacional* só começará a ser possível quando as novas gerações compreenderem o mundo moderno, que em volta de nós — e para além de nós — rumoreja e fala uma lingua que já aqui não se entende. (Entendê-la não é copiar melhor ou pior as suas fórmulas exteriores, e nós andamos a macaqueá-las há séculos).

O problema mundial e o nosso é um colossal problema pedagógico. As ideias geradoras da mentalidade e da sociedade moderna são hoje o pregão da Europa culta e da América anglo-saxónica, e até já chegaram à atrazadíssima Rússia. Enquanto nós as não conhecermos, as não assimilarmos e as não pusermos em acto, estamos longe de romper a marcha para a felicidade.

Elas nos dizem (não é uma pura especulação, está feita a crítica e a comprovação positiva) que toda a instrução ou educação verbal é enganosa fantasia, e que um acto vale mais que um milhão de palavras.

«Quando fazes a um rapaz, disse W. James, um sermão de moral, apenas lhe ensinas uma coisa — a *fazer sermões de moral*».

Quando V.... prega o culto das nossas belezas artísticas só é compreendido e aplaudido, *sinceramente*, pelos que já teem o mesmo culto.

Ontem ouvi um aluno do Liceu, com o ano perdido por cábula, proclamar com forte entono que devemos trabalhar, à semelhança dos nossos heróis do ar, para honrar a Pátria. O mesmo

aluno arrombou há tempos uma caixa do correio para lhe roubar as cartas.

Como vê (se me tem lido já terá percebido) eu sou um homem muito terra à terra, dou grande valor aos factos e em quasi todos os meus artigos os cito. Vivo de realidades.

A fantasmagoria das palavras enganadoras — uma santa lèria.

Nós, de feito, também só vivemos de realidades.

Os bons quadros, as belas estátuas, o pão, os caminhos de ferro perfectos, navios velozes e cómodos, um Parlamento inteligente e patriota, uma escola educadora — são realidades.»

«Há anos, perguntando a um holandês, na Holanda, a impressão que elles tinham de nós, respondeu-me com esta frase claríssima: «Chacun fait son poids».

Mas já fui e iria muito mais longe se desejasse explicar-lhe tudo o que penso e sinto sobre a necessidade inadiável de reformar pela educação *viva* a mentalidade portuguesa.

Apareça V.... por este nosso lindo Algarve e tentaremos esgotar o assunto.»

Do mesmo correspondente, mas de outra carta:

«O ressurgimento nacional só será possível mediante um trabalho industrial e agrícola, no continente e nas colónias, feito com a maior sciência, e a mais moderna, e o mais patriótico ardor. Tudo o mais é verbo celestial.

Depois dêsse afincado e salvador trabalho, só depois dêle, as revistas de Arte e Literatura serão possíveis (não afirmo que não sejam precisas) e terão vida fácil.

Isto não quiere, todavia, dizer que devamos deixar de escrever e publicar coisas literárias (de bom quilate) educativas do carácter e do espirito. Nem só de pão vive o homem.»

Assis Esperança

Eis um escritor ainda moço, que já marcou, no entanto, a sua individualidade como romancista.

Assis Esperança, de quem já temos em nossa estante três grossos volumes e alguns folhetos, deu-nos há pouco mais um belo romance — *Ressurgir* — em esplêndida edição da Sociedade Contemporânea de Autores.

Ler o prefácio dêsse volume é possuir a melhor autobiografia mental do autor. A ideia de Pátria, que, por momentos, é nêle dominada por outra maior, a de Humanidade, aí toma, porém, vulto, e se localiza até, mostrando-nos Assis Esperança um dos mais apaixonados algarvios.

CANTINHO DA MULHER

::: Os Concursos de beleza :::

ESTRANHAM no domínio de sua Magestade a Moda — os concursos de beleza. O primeiro certamente realizou-se em Florença em 1918 — foram os italianos os primeiros a preocuparem-se com a nossa formosura... Toda a gente sabe que um concurso deste género tende apenas a valorizar fisicamente a mulher, como um costureiro os seus manequins, abandonando um factor importante, essencial à nossa índole, que não tem sofrido concorrência alguma: as virtudes morais. E' de estranhar que ao par dos grandes concursos, onde rivalizam as «mais belas» com os «tipos raros» não se haja pensado em estabelecer um concurso para premiar a mais virtuosa. Não inquirio do que as leitoras pensarão sobre a melifluidez desta palavra poeirenta; porém, afasto-a de confusas teorias civadas dum dogmatismo arcaico, beatífico. A virtude duma rapariga sômente se pode alcançar pelo trabalho e pela abnegação. Sobrelevando a «mais formosa», está, sem dúvida, a «mais honesta» — e, na hora que passa, a mais honesta é aquela que tudo sacrifica à virtude eterna de ganhar a vida, de conquistar a vida — de lutar pela vida.

Escremos ante dois retratos de raparigas que obtiveram prémios de beleza num concurso recentemente realizado em Bruxelas. Não foram, todavia, homenageadas sômente pela sua formosura. Uma é dactilógrafa numa grande casa de Anvers, a outra é uma jovem professora italiana num colégio de Liège. Caso raro: foram, pela primeira vez, estabelecidos prémios monetários — glorificando o esforço da mulher moderna, não a cump fatal, estrela de cinema, mas a que fez do seu talento ou da sua profissão, uma alta, uma noítre, uma sagrada virtude: a maior beleza de todos os concursos de Beleza...

MARIA NAZÁRIO.

MEDIEVAL

NA tarde loira esvoejam
sôbre os floridos terreiros
pombas de neve. E adjejam
receosas que as vejam
namorar os jasmineiros.
Aladas e flutuantes
parecem asas de renda
trazendo aromas distantes
dum país feito de lenda.
Sôbre o castelo doirado
cai doce a luz da manhã.
Tange um cravo rendilhado
o págem enamorado
que enamora a castelã.
É, seguida de infanções,
arrastando as suas sedas,
ela passa entre os pavões
que dormem nas alamedas.
Dobra-se à sua passagem
o mais velho dos scudeiros,
como nos altos terreiros
os lírios vergam à aragem.
Suas mãos imateriais
parecem tremer de anseios
e tem frisos de esuanas
na turgência de seus seios
brancos, miniaturais,
quais capiteis de colunas
em rendilhados de euleios
e nenufares sculturais
no oiro areal das dunas
dos desertos virginais...

(trédito).

MARIA NAZÁRIO.

NOTAS SCIENTÍFICAS

«Estigmas de degenerescência»

Os estigmas de degeneração tem tanto mais valor, quanto em maior número coocorem no mesmo individuo e teem um grau de importância decrescente em relação à ordem pela qual são enumerados (para cada parte do corpo). Em cada estigma é tanto maior o grau de importância, quanto mais sensível esse estigma for.

Crânio:

- 1) *Plagio-cefalia* — Assimetria na secção craniana.
- 2) *Orto-cefalia* — Crânio levantado na parte média.
- 3) *Plati-cefalia* — Crânio achatado.
- 4) *Escafo-cefalia* — Crânio em forma de quilha de barco.
- 5) *Hipsi-cefalia* — Crânio muito levantado na sua parte posterior.
- 6) *Depressão em sela* — O crânio forma como que uma sela na sua parte média.
- 7) *Micro-cefalia* } Cefalia quando exagerada.
- 8) *Macro-cefalia* }
- 9) *Depressão ou saliência exagerada de qualquer das bossas cranianas e as suturas incompletamente fixadas.* Exemplos: testa fugidia, testa deprimida.
- 10) *Prognatismo exagerado.*

Face:

- 1) Assimetria facial.
- 2) Exagêro em proeminência ou depressão dos ossos da face.

Orelhas:

- 1) De lóbulos aderentes.
- 2) De *Wildermouth*, de *Morel* ou com tubérculo de *Darwin*.
- 3) Em anse.
- 4) Com exagêro de saliência ou depressão de qualquer das suas partes; assimétricas.

- 3) De grandes ou pequenas dimensões relativamente ao normal.

Vêu palatino:

- 1) Ogival.
- 2) Muito deprimido, muito escavado ou assimétrico.

Dentes:

- 1) Mal implantados, encavalgados, supranumerários, pequenos, ralos.
- 2) Dentes de *Hutchisson*, saltados, corroidos, com erosão.

Rugas precoces.

Tics nervosos.

Exagêro do volume ou do comprimento de qualquer dos membros.

— Um individuo com uma *plagio-cefalia* exagerada, é sempre um degenerado. Também o pode ser um *micro* ou um *macro-cefalo*, quando se lhe juntam mais estigmas.

— São muito particularmente notáveis os tipos degenerados que juntam a uma *plagio-cefalia* as orelhas em anse, de lóbulos aderentes e o vêu palatino escavado. É um tipo muito vulgar em gatinhos.

— O prognatismo exagerado, com tubérculo de *Darwin* ou outras lesões do pavilhão das orelhas, braços fisionómicos grosseiros, braços muito compridos, são estigmas de inteligências inferiores, muito vulgares em assassinos.

— Dentes de *Hutchisson* com lesões concomitantes dos ouvidos e dos olhos, e o vêu palatino ogival, são estigmas de síllis hereditária.

Evidentemente a existência de estigmas, não indica obrigatoriedade de vícios, mas sim probabilidades em maior ou menor grau.

Dr. A. I. de Vasconcelos.

D I Á L O G O

- Na «gare» do Rossio, à hora da partida do «Sud». Comboios a apitar num constante «vai-vem»; portinholas a bater de encontro às carruagens; malas, maletas, malões, caixas e caixotes arremessados com estrondo para cima das zarras; lenços brancos a voar num adeus — Adeus derradeiro? Simples «Até breve!»? — Saudades dos que partem, invejas dos que ficam; beijos, abraços; sorrisos e lágrimas, tudo — tudo! — se mistura, numa amálgama de sons — qual jazz ensurdecedor dum a orquestra de pretos... pretos do pó do carvão!
- Ele e Ela, casados há cinco anos, vão separar-se pela primeira vez, a propósito duns negócios urgentes a tratar na capital francesa.

Ela (enxugando uma lágrima imaginária): — Se soubesses, Ernesto, como fico triste longe de ti, com certeza que me levavas!

Ele (trocista): — Bem te compreendo: Ainda não disseste tudo quanto querias de Paris... Cada lágrima tua é mais um vestido que eu tenho de comprar!

Ela (sempre a fingir que chora...): — E se ao menos fôsse pouco o tempo que tivéssemos de estar separados! Mas assim falta-me a coragem!

Ele (implacável): — Ao todo, quantos «Habil-lés» e «Deshabillés»? Diz, não faças cerimónia!

Ela (sempre no mesmo tom): — Tu és a minha vida, a minha alegria, os meus cuidados, emfim, tudo! Sem ti em que hei-de eu pensar? Como me entreter?

Ele (malicioso): — Pensa nas modas e entretém-te a ver figurinos... São agradáveis «passa-tempos»!...

Ela (implorando, sem lhe dar atenção aos ditos irónicos): — Mas porque não me levas contigo? Dizem que a mulher nunca se deve separar do marido...

Ele (muito calmo): — Pois não; mas agora também não és tu que te separas de mim; eu é que me vou embora... por bem pouco tempo, aliás!

Ela (imitando a Francesca Bertine numa scena trágica): — Ainda achas pouco, seis meses sem nos vermos! Ai, como sou desgraçada!!!

Ele (meio aborrecido): — Desgraçada, desgraçada... mas porquê? Não te prometi eu uma dúzia de *toilettes* com os seus respectivos chapéus e sapatos (porque, afinal, «num par de botas» estou eu metido!). Que mais te falta ainda para assim chorares tanto?!

Ela (justificando-se): — Mas eu também não estava a chorar por causa dos vestidos, nem dos chapéus ou sapatos...

Ele (paciente): — Então porque choravas tu? Será possível amares-me mais do que à farrapada?

Ela (num murmúrio): — Sim, amo-te.

Ele (muito admirado): — O quê, dar-se-há o caso de tu não seres tão frívola como pareces? Nessa pequenina cabeça haverá ainda alguns restos de bom-senso? Eu não estarei enganado!? Não será isto um sonho?!

Ela (triumfante): — Tu sempre me julgaste mal... Nunca me apreciaste como devias!

Ele (comovidíssimo): — Pobre amiga! Confesso que tenho sido cruel, mas diz, era realmente com pena de mim que choravas?...

Ela: — Sim, meu amor; era com pena de ti e com pena que não me tivesses oferecido um casaco de peles... além das outras coisas!...

MARIA ROSA



GUIMARÃES DA SILVA

Gramáticos portugueses do século XVI

Pelo Dr. ESTANCO LOURO

A-PESAR-DE já secular e inveterada, é todavia falsa, a afirmação de que tivemos duas gramáticas, no século XVI.

Para os historiadores da nossa literatura que se não limitaram a copiar, proveu o erro, quer de uma leitura leve ou desatenta do livro de Fernão de Oliveira, quer, provavelmente, de o próprio autor o intitular de *Gramática*. Ora, se exceptuarmos a *Fonética* — termo que ainda então se não empregava, embora a matéria se tratasse sob a rubrica de *Ortografia e Prosódia* — só incidental e fragmentariamente, se ocupa F. de Oliveira de um ou dois capítulos de *Morfologia*, pondo completamente de parte, a *Sintaxe*. Ele mesmo tem o cuidado de nos dizer que o seu trabalho não é uma *Gramática*, mas *primeira anotação em dizer não tudo mas apontar algumas partes necessárias da ortografia, acento, etimologia e analogia da nossa linguagem em comum e particularizando nada de cada dição, porque isto ficará para outro tempo e obra*. p. 5. Repete — e não uma vez só — esta dupla afirmação, chegando até a dizer que *temos começada* a tal obra que, então sim, seria uma *gramática*, ou mesmo mais do que isso.

Se, assim, temos uma só *Gramática completa*, no nosso século áureo, a de João de Barros; em compensação, possuímos, pelo menos, quatro *Ortografias*, ou *gramáticas incompletas*: a de Fernão de Oliveira ⁽¹⁾, a de João de Barros ⁽²⁾ (apensa à *Gramática*), a de Pero de Magalhães de Gândavo ⁽³⁾ e a de Duarte Nunes de Leão ⁽⁴⁾.

Por me parecer que o labor dos nossos filólogos de quinhentos tem para a História do movimento científico e, particularmente, para as circunstâncias em que hoje se encontra a nossa língua e a nossa mentalidade, uma importância muito maior que o que se lhe tem dado ou suspeitado, vou, em análise mui rápida e concisa, apresentar e criticar os seus resultados capitais.

Ver-se-há por elles que, no campo da ciência filológica, nos foi preciso esperar quasi três séculos, para se notar um progresso sensível; que ainda hoje, para resolvermos alguns problemas, é indispensável a sua apreciação e que, se no cultivo de algumas sciências, v. g., a História, a Geografia e as da Náutica, levávamos então a primazia aos outros povos europeus, talvez que na Filologia, não seja menor essa preminência.

(1) *Grammatica da linguagem Portuguesa*. Lisboa, 1536. Sirvo-me da 2.ª ed. Porto, 1871.

(2) *Grammatica da lingua Portuguesa*. Lisboa, 1540. Sirvo-me da ed. de 1785 (Lisboa), que se intitula: *Compliação de varias obras do insigne português Joao de Barros*.

(3) Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que adiante se segue em defensão da mesma lingua. Lisboa, 1574. Sirvo-me da ed. de 1590 (Lisboa).

(4) *Orthographia da lingua Portuguesa*. Lisboa, 1576. Sirvo-me da ed. de 1784 (Lisboa).

Eis, esquematicamente, a *Gramática* do autor das *Décadas*:

Quasi como prólogo, duas divisões independentes, paralelas. A das palavras (dições) em 9 (partes) categorias: à frente, dois elementos fundamentais, dominantes, a que Barros, pitorescamente, chama *reis* — **nome e verbo**, cada um com sua *dama* ou satélite — **pronome e advérbio**; aos lados, em plano mais recuado — **participio, artigo, conjunção, preposição, interjeição**. Depois, a da *Gramática* em 4 partes fundamentais:

- | | |
|-----------------------------|-------------------------|
| 1 — Ortografia . . . | trata da <i>letra</i> |
| 2 — Prosódia . . . | > > <i>silaba</i> |
| 3 — Etimologia . . . | > > <i>dição</i> . |
| 4 — Sintaxe . . . | > > <i>construção</i> . |

Da 1.ª e 2.ª parte, trata Barros mui sumariamente, como *artista* e não *gramático especulativo*, ennumerando as letras, quantas constituem cada silaba, a quantidade e o acento tónico ou átono desta. Na 3.ª parte, trata:

A) **NOME**, com 6 accidentes :

1 — *Qualidade*. São próprios (Lisboa) ou comuns (cidade); substantivos (touro) ou adjectivos (formoso); antecedentes ou relativos e estes ou são de substância, se se referem a substantivos, ou de acidente, se se referem a adjectivos e os de acidente ou são de qualidade (tal, qual) ou de quantidade continua (tamanho, quamanho) ou de quantidade apartada (tanto, quanto).

2 — *Espécie*. São primitivos (cidade) ou derivados. Estes ou são patronímicos (Nunes) ou possessivos (cristã doutrina) ou gentilicos (algarvio) ou diminutivos (mulherzinha) ou aumentativos (mulherão) ou comparativos (maior) ou superlativos (muito melhor) ou verbais (suspiro < suspirar) ou participiais (amador — < amado) ou adverbiais (soberano).

3 — *Figura*. São simples (justo) ou compostos (guarda-porta).

4 — *Género*. São masculinos (homem) ou femininos (mulher) ou neutros (o querer, o amar, o al) ou comuns de dois (taful) ou comuns a três (triste) ou, ainda, duvidosos ou confusos. No fundo, porém, reduzem-se a três — m. f. e n.

5 — *Número*. São do singular ou do plural ou, ainda, irregulares — os que só têm singular ou plural.

6 — *Declinação*. Têm os seguintes casos: Nom., Gen., Dat., Acus., Voc., Abl.

O P R O B L E M A D A

E

R

D

E

U

H

C

L

A

U

Ç

M

Ã

A

O

D



A CULTURA FÍSICA

Como síntese do Pensamento do Século, o velho *mens sana in corpore sano* passo a ter um significado de utilidade para o desenvolvimento dos povos.

A missão da Mulher de Hoje, dentro do Lar, tende a ser cada vez mais dificultosa, quer como educadora, quer como colaboradora do Homem.

Por outro lado, a sua acção nunca será perfeita se não partir de um organismo fisiologicamente equilibrado e dotado com a robustez necessária para os encargos de uma tarefa árdua.

Estas são as vantagens de ordem moral e psicológica que, sob o ponto de vista individual a cultura física pode trazer às mulheres. No interesse da colectividade, ela, pela robustez das mães, concorrerá para o advento de uma Humanidade mais sã e, conseqüentemente, mais bem preparada para a conquista da vida feliz — aspiração máxima de todos. Ora, correspondendo a esta alta finalidade, o Instituto Feminino de Educação Física que se acaba de fundar entre nós, se não resolve em absoluto o problema actual da mulher, concorre poderosamente para a sua solução, pois nêle se podem obter as bases de uma Educação moderna, inteligente e profícua.

Nêle se ministra a Ginástica médica e educativa, e a Rítmica de Dalcroze. Como conseqüência directa das duas últimas, também se ministra a Música, a Dança, Piano e Violino.

A Arte da Dança, que é uma continuadora da cultura física, presta o Instituto a sua máxima atenção, por isso dotará as alunas, que a queiram aprender, de todos os conhecimentos, hoje absolutamente necessários como

preparação desta arte, que são: elementos de Anatomia e Fisiologia, Higiene, História e Literatura da Dança e Kinetografia.

Criado à semelhança dos Institutos congêneres estrangeiros, ãe reúne as condições requeridas para um ensino proveitoso, porque o seu corpo docente é recrutado entre os elementos que, provindos das escolas mais afamadas de Portugal, Suíça, Alemanha e Austria, mais garantias de competência oferecem para o ensino. Estão nestes casos a Dr.^a Palmira Lindo, médica diplomada com o Curso Normal de Educação Física pela Universidade de Lisboa, a cargo de quem está a Ginástica médica; Fräulein Erna Ullmann, professora de Ginástica Educativa pela Schule Heffersau de Viena de Austria e Miss Cecil Kitcat, do Instituto Jaques-Dalcroze, de Genebra, que se ocupa da Rítmica.

As restantes disciplinas virão a ter como professores Luis Barbosa e Esposa e outros que a seu tempo virão de escolas estrangeiras de nomeada e reconhecida proficiência.

Interessando de momento o Curso de Preparação:

Ginástica médica, quando necessária, e Ginástica educativa e rítmica, é para estas que os olhos das educadoras se devem voltar, para poderem reconhecer as vantagens oferecidas pela cultura física ministrada no Instituto.

Esta é a impressão colhida das liceãs a que assistiu, e a modesta opinião que ficou formando sobre as ginásticas educativa e rítmica, um pai que julga o problema da Educação da Mulher digno da maior atenção e estudo.



As primeiras discípulas do «Instituto», com as suas professoras

PATRICIO ÁLVARES.

O MEDALHÕES O

Adolfo Faria de Castro

É sempre com saudade que eu olho para o passado, porque êle levou nos seus braços a minha mocidade e com ela todas as boas, encantadoras coisas da vida.

Mas porque o outono desta já me bate à porta, eu não gosto de recordar a minha mocidade no triunfo da mocidade de agora, se bem que muitos dos moços de hoje adoptem processos bem diferentes dos de então para conseguir o seu triunfo.

Há, porém, de tudo na vida do Senhor, e entre a multidão dos que baniram antigas convenções, procurando subir derrubando, buscando impôr-se mais pelo alarido reclamista do que pelo valor próprio, pessoal, há ainda, graças a Deus, um pequeno número dos que no estudo e no trabalho honesto, consciencioso e probo, valorizam a sua personalidade, sem derrubar os que chegam, nem acotovelar os que estão, nem tão pouco nos ferir os ouvidos com o desatinado alarido dum réclamo inoportuno.

A estes últimos pertence Adolfo Faria de Castro.

Quem é este escritor?

Um novo, Um novo na idade, nas letras, no jornalismo e na confiança em si próprio.

Um novo que, sem acotovelar nem derrubar, procura, pelo estudo em que é persistente, pela inteligência, que é clara, pelo talento, que é vasto, marcar o seu lugar no jornalismo português.

E já o conseguiu, posso affirmá-lo.

Mas não só o jornalismo o seduz. A conferência é

uma outra modalidade literária que de há muito também o atrai.

Tem feito diversas, e põe a que só uma delas: *Cantões e a epopeia nacional*, esteja impressa em volume.

Neste seu trabalho, cuja leitura fez no *Athena Commercial* do Funchal, na tarde de 10 de Junho de 1928, mostra-se Faria de Castro um estudioso inteligente, um patriota devotado e um investigador consciencioso.

Literariamente é um opúsculo feliz; nem frase verbiçosa, nem frase chã: o meio termo, dando-nos uma leitura muito agradável.

É um pequeno estudo de investigação histórica em que a história e a literatura se deram as mãos, para nos deleitar durante uma parte duma formosa tarde de primavera.

Cantões e a epopeia nacional não é uma obra definitiva: marca como primeiro trabalho do autor e marca bem, mas por certo que outros estudos de maior fôlego se lhe hão de seguir, pois Faria de Castro tem muito valor e não deve adormecer ao doce embalo dos elogios ouvidos. Creio que assim não sucederá, pois o distinto publicista é modesto em todos os actos da vida. É modesto como escritor, é modesto encobrendo a beleza do seu carácter juvenil, aberto a todos os bons sentimentos da sua bela alma de sonhador e patriota.

Nesta época de egoísmo torvo e mau, em que os caracteres se diluem na sombra caliginosa da maldade, êle aparece-nos na vida como um exemplo da lealdade de carácter e daquela honradez simples, que devia viver na alma de todos os homens.

Lisboa, 27 — 3 — 1929.

JOÃO MARIA FERREIRA.

III
I
BRIL
DE
1929



VINHO
E
DIREÇÃO
DE
TEMPO

RECREIO DOS MATUTOS

DECIFRAÇÕES DO N.º 1

Charada em verso: — 1) Moçincos.

Charadas em frase: — 2) Anatropa, 3) Escola, 4) Preposto, 5) Sabelar, 6) Pêrois, 7) Peruca, 8) Chocolate, 9) Cipullino, 10) Funchal, 11) Meloço.

Charada em quadro: — 12) Paris, Alice, Riyar, Icaro, Seron.

DECIFRADORES DO N.º 1

Rom-Rom (Faro): Todas — Prémio de honra: 1 livro.

Caipira (Lisboa): 5 — Prémio de Mérito.

CHARADAS EM FRASE

1) Dei a volta no planeta, só em metade da embarcação, para te trazer este instrumento. — 2, 1.

2) Encontrei num livro uma letra em tal estado que parecia ir de veículo. — 1, 1, 2.

3) O órgão tem dois olhos que olham os pedras. — 2, 1.

4) O minha dor, para os, que eu também tenho voço. — 3, 1.

5) E' no teu quarto e num porto abrigado que êle te será bom companheiro. — 2, 2.

Faro.

Rom-Rom.

CHARADA EM QUADRO

(Por sílabas)

6) Cidade Algarvia . . . 1 2 3
Temas do norte . . . 2 3 4
Pessoa indolente . . . 3 4 5

Lisboa.

Temasa.

MASSADA GEOGRÁFICA

7) Formar o nome dum povoação algarvia com as letras da seguinte frase:

PÃO D'ELLA TRAZ SABOR

Lisboa.

Caipira.

NOTA. — Esta seção é dos nossos leitores. Convidamos todos os aficionados do charadismo a enviarem-nos as suas produções.

DEFINIÇÕES ACRÓSTICAS

Bosquejo de Pensamentos-Paradoxos

As espiralinas comeligrato, êrnelto poeta e meu estudante amigo, sr. Eduardo Fernandes — «Escúlio».

logio — «Sal-amargo» da Sr.^a Inveja.
amas — «Peça» de indeciso Estudo
ras — «Isco» de céticos eleitorais.
videntes — O que «Todas» querem ser...
apozadas! — «Pedra de toque» do bom-humor.
ole — «Osso» de meu futuro... conjugal.
Orçamento — «Parto» anual da mãe-Pátria.

elicidade — O «Deus-Memina» da Esperança.
serilar — «Missãoário» da Educação
ectário — O «Quebra-cabeças» da Malquerença.
amora — «Crime» de lesa-bolsa...
re — O «Isso-facto» do Mérito.
ahuralidade — «Colêta» de espinhosa Tribula.
esbulhar — «Provação» de incerto proveito.
scudo — «Moeda» nossa de lesa-estética!
ensibilidade — «Fênis» antagonista da Indiferença.

sculário — «Politécnico» de sciencias, artes e letras.
agacidade — «Lulianan» de infeliz valor.
ahibetismo — «Vitima» do convenio «Bera».
liquidade — «Bens de raiz» do Pensamento.
aracha — O «Non-plus-ultra» da Malicia...
divogado — «Fiel de balança» de quem mais dá.
orta — «Florelescência» do Talento.
naudito!... — O «bom-senso» deste Bosquejo!...
bra-literária — «Trofeu» da Posteridade.

AUGUSTO ABEL DOS SANTOS

«MIL-FLORES».

"COLECCÃO RESSURGIMENTO"

Director: Calçada João do Rio, 8-1.ª - LISBOA

Romances, peças de teatro e novelas, de autores nacionais e estrangeiros, estudos sociais, económicos, artísticos, etc., em belos volumes de 60 a 100 páginas

... Cada volume Esc. 3\$500 ...

Assinaturas por 5 volumes: Escudos 15\$00 (Pagamento adiantado). Edições de luxo, preços especiais.

Todos que se interessam pela boa leitura, devem fomentar o desenvolvimento desta "Colecção"

..... Volumes já saídos ou a entrar no preço:

I—Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra (Notas subsidiárias para a actual, pelo capitão José Bernardino, ed. II, 1.ª ed. do autor (Aquisição autorizada pelo C. E. 2.ª 4 (1.ª 4) de 1996)	3\$50	Feiticeiro de Costa. Edição profusamente ilustrada e de interesse para todos as provincias (II)	3\$50
II—O Lance Avulso. Novela pessoal por D. Raimundo Maria Teixeira. Versão de Lourenço Frazão. Prefácio de Filipe de Figueiredo, 1.ª ed. de A.	3\$50	VI—Impressões de Angola. (Friso sobre viagens de exploração actualizadas), pelo Dr. F. d'Alcântara Mendonça (em português)	3\$50
III—Espanha Maravilhosa. Sevilla e Cádiz, por José Dias Simões (a entrar no preço)	3\$50	Mais: Mais: EDIÇÕES VARIAS	
IV—Teatro: Peças de Dr. Luis d'Almeida Guimarães e Mestre Moreira (ed. I)	3\$50	A Nova Guerra e a Artilharia (Anúncio publicitário)	7\$50
V—A Melhor Portuguesa, por Cláudio Sampaio, Luis Claret e	3\$50	Rebello de Bettencourt	7\$50
		O Mundo das Imagens (crónicas, retratos e viagens)	7\$50
		Dr. Luis d'Almeida Guimarães:	
		O Diabo, Mestre de Dança (crónicas acadêmicas)	7\$50

(Desconto de 20 % nos assinantes da "ALMA NOVA")

OUTRAS EDIÇÕES

Pedidos à C. João do Rio, 8-1.ª - LISBOA



Peça-nos

"A GAROTA"

As mais belas páginas de Arte e humorismo

N.º 1 a 4, cada . . . 1\$00

CAMPANHAS

GAMILIANAS

POR

OLDEMIRO CESAR

E

CRUZ MAGALHÃES

(Com illus. de Rafael Bordalo)

Vol. broch. 3\$000

(Quarta edição)

O MUNDO

DAS IMAGENS

CRÓNICAS

RETRATOS

E

VIAGENS

DE

Rebello de Bettencourt

Um belo vol. de 160 pág., 7\$50

Livro da maior actualidade e interesse



— Porque estás tu assim doido por esse pobre cego?...

— Porque me lembro daquelle outra que vem da Novela «O LOUCO AMOR».

Por MATEUS MORENO:

"SANGUE D' EPOPEIA"

A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES

(Livro oficialmente recomendado)

1 vol. il. de 150 pág., 3\$00

DA GUERRA E DA PAZ:

"SINFONIA MACABRA"

1 vol. il. 2\$00

COOPERATIVA EDITORA

"RESSURGIMENTO"

DESCONTOS



GARANTIAS

■ AUXÍLIOS ■

Sócios de Consumo 20\$00
" " Interesse 50\$50

Inscrição: C. João do Rio, 8-1.ª - LISBOA

Por Dr. M. F. DO ESTANCO COURO:

Os Lusíadas

O Povo Português

NO VOCABULÁRIO

1 volume 7\$50

"Caderno de Gramática Portuguesa"

para a I, II e III classes dos liceus (de harmonia com o programa em vigor)

Cada 3\$50

A mais: "O LIVRO DE ALPORTEL"

Peça hoje mesmo o tomo I de

O DESENHO E AS MULHERES

no labor artístico de RAFAEL BORDALO

OBRA INDISPENSÁVEL EM TODAS AS ESCOLAS E BIBLIOTECAS

Cada tomo, 10\$00 Assin. de obra (3.1), 30\$00

LIVROS BARATÍSSIMOS:

Minha Pátria, poema de Mateus Moreno, 2.ª edição	2\$50
Ego de Queirós revelado, edição ilust.	2\$50
Cantigas de Rebello de Bettencourt, 2.ª edição	2\$50
Musa Algarvia, inéditos vários	7\$50
Odes de Anacreonte, por Luis Colado Nunes	2\$50

Assine e consiga entre os seus conhecimentos novas assinaturas para a "ALMA NOVA"

DESEJA

LIVROS, DESENHOS,
GRAVURAS E
TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

BARATOS



Faça-se sócio da "Cooperativa Editora
RESSURGIMENTO."

Trabalha: C. João de Rio, 6-1.ª — LISBOA

Sócios de consumo: 1 acção de 20000; Sócios

de interesse: filhos de 25 acções

■ Todos os sócios recebem a "ALMA NOVA" gratuitamente ■

Direito Português

E

BRASILEIRO

—

Manuel Gomes dos Santos
ADVOGADO

(Com procuradoria no Brasil)

—

RUA VITÓRIA, 63-3.ª

Telefone, C. 3156

L I S B O A

ROYAL-PHOTO

Atelier de arte fotográfica

SANTOS & RAPOSO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55-1.ª

(AO CHIADO)

L I S B O A

—

G R A N - P R I X

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO
— RIO DE JANEIRO DE 1923 —